

CADERNO TEOLÓGICO

Religião, democracia e direitos humanos

periodicos.pucpr.br/cadernoteologico



Papa Francisco e o papel da mulher: pelo reconhecimento, um encontro com a ternura

Pope Francis and the role of women: through recognition, an encounter with tenderness

Diclei Manoel da Silva^[a] <https://orcid.org/0000-0002-3831-2638>

Buri, SP, Brasil

PUC-CAMPINAS, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

Como citar: SILVA, Diclei Manoel da. Papa Francisco e o Papel da mulher: pelo reconhecimento, um encontro com a ternura. *Caderno Teológico, Religião Democracia e Direitos Humanos*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 10, n. 1, p. 111-121, jan./jun., 2025. DOI: <https://doi.org/10.7213/2318-8065.10.01.p111-121>

Resumo

Nesse artigo, temos por objetivo apresentar a valorização do papel da mulher na Igreja e na sociedade no pensamento do Papa Francisco, que retoma o Concílio Vaticano II (1963-1965) e, particularmente, a Conferência de Aparecida (2007). O papel da mulher é considerado por Francisco pelo viés da dignidade, de modo favorecer a contemplação das realidades divinas e expressar a harmonia do mundo. Pelo reconhecimento da identidade feminina e suas características, Francisco visa transformar a consciência dos fiéis, superando uma visão limitada e estereotipada do papel da mulher. Propõe que a mulher tem sua importância e deve ser valorizada em sua singularidade. Assim, temos a relevância do papel da mulher na igreja e no mundo. Apesar de não extrapolar os limites provenientes da estrutura tradicional da Igreja Católica, o atual Papa favorece mediante documentos oficiais, pronunciamentos, posturas e decisões, uma abertura à mulher e emancipa o seu papel. Pela mulher, em sua existência ativa, podemos nos encontrar com a ternura de Deus. Como referência metodológica usaremos a hermenêutica de Paul Ricoeur, particularmente a conceituação de reconhecimento, a partir de sua obra “Percurso do reconhecimento”, de 2004.

Palavras-chave: Papa Francisco. Mulher. Reconhecimento. Identidade feminina. Paul Ricoeur.

^[a]Doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade de Campinas, e-mail: padrediclei@hotmail.com

Abstract

In this article, we aim to present the appreciation of the role of women in the Church and in society in the thinking of Pope Francis, who revisits the Second Vatican Council (1963-1965) and, particularly, the Aparecida Conference (2007). Francis considers the role of women from the perspective of dignity, in order to favor the contemplation of divine realities and express the harmony of the world. By recognizing the feminine identity and its characteristics, Francis aims to transform the conscience of the faithful, overcoming a limited and stereotypical view of the role of women. He proposes that women have their importance and should be valued in their uniqueness. Thus, we have the relevance of the role of women in the church and in the world. Although he does not go beyond the limits arising from the traditional structure of the Catholic Church, the current Pope favors, through official documents, statements, positions and decisions, an openness to women and emancipates their role. Through women, in their active existence, we can encounter the tenderness of God. As a methodological reference, we will use Paul Ricoeur's hermeneutics, particularly the conceptualization of recognition, based on his work "Path of recognition", from 2004.

Keywords: Pope Francis. Woman. Recognition. Female identity. Paul Ricoeur.

Introdução

Temos por intento expor uma contribuição acerca da temática “Papa Francisco e o papel da mulher”. Essa reflexão é proveniente de uma comunicação inserida na Sessão Temática 4: “Religião e questões de gênero”, do III Colóquio Internacional “Hermenêuticas do Feminino. Fé, Memória e Narrativa”. Para tanto, realizaremos uma abordagem hermenêutica, pautando-nos pelos princípios metodológicos de Paul Ricoeur e a partir de uma revisão de bibliografia, documentos e pronunciamentos oficiais, apresentaremos o pensamento do Papa Francisco sobre o papel da Mulher, que nos proporciona encontrar-nos com a ternura.

Essa perspectiva está inserida no contexto do referido Colóquio, especificamente numa sessão temática que busca fazer a interface entre as crenças religiosas, construções sociais e culturais de gênero. A relevância dessa temática se justifica pelo fato da Igreja católica, enquanto parte da religião cristã, ter presença em grande parte do mundo, e seu representante maior, Papa Francisco apresentar uma prática considerável que expressa a relevância do papel da mulher na sociedade e particularmente na própria Igreja. Ele reconhece a dignidade e a magnitude da pessoa da mulher. Essa perspectiva vai além de uma visão limitada e estereotipada sobre o papel da mulher. Francisco proporciona um processo de emancipação e libertação em relação ao papel da mulher.

Veremos como a mulher foi compreendida a partir do Concílio Vaticano II e retomando a concepção de reconhecimento do filósofo Paul Ricoeur (1913-2005) expressaremos as contribuições trazidas por Francisco.

1. Concílio Vaticano II e a valorização da mulher

Num contexto de profundas transformações, como as duas guerras mundiais (1914-1918 e 1939- 1945) e a Revolução Cubana (1959), o Papa João XXIII surpreendeu o mundo ao convocar um novo Concílio, em dezembro de 1961. Seria o 21º Concílio Ecumênico. Não obstante sua intenção, João XXIII participou apenas da primeira Sessão do Concílio (11/10/1962 a 4/12/1962) marcada por uma eclesiologia oscilante entre a “verticalidade hierárquica” e “a circularidade *koinononica*” (KLOPPERBURG, 1963 apud GONÇALVES, P. S. L.; FAVETTO, A. B., 2023). Esse Concílio propôs uma renovação eclesial de maneira a acontecer o que João XXIII denominou de “aggiornamento”¹. Disso trata sua motivação para convocá-lo.

¹ A palavra “aggiornamento” como lembra Gonçalves (2023, p. 6), é a palavra-chave para compreender o Concílio Vaticano II. Pode ser concebida também como atualização, remetendo à nova postura da Igreja em relação à modernidade, marcada pelo diálogo e proximidade entre ambas. Todavia, há de ser prestar atenção a outra possibilidade

Já no segundo período conciliar, aos 29 de setembro de 1963, no Discurso de Abertura, o sucessor de João XXIII, o Papa Montini, evidenciou as quatro finalidades fundamentais do Concílio: a exposição teológica da identidade da Igreja; a reforma da Igreja; a implementação de um movimento que promovesse unidade dos cristãos e o impulso ao diálogo da Igreja com o mundo contemporâneo, no qual exprimia a modernidade com toda clareza necessária (*Ibid.*).

No início dessa Sessão, o Cardeal Suenens, então arcebispo de Malinas-Bruxelas, ao indagar: “Onde está aqui a outra metade da humanidade”? (referindo-se às mulheres) fez uma insólita intervenção na aula conciliar. Apresentou a proposta de também as mulheres serem admitidas no Concílio na qualidade de ouvintes². Essa proposta seria aceita, embora apresentasse resultados bastante modestos, a partir de uma análise das intervenções conciliares sobre o tema da mulher (GIBELLINI, 1992, p. 110).

Percebe-se já nesse cenário eclesial, através do Decreto *Apostolicam Actuositatem*³ a relevância das mulheres na Igreja: “[...] Mas, porque, nos nossos dias, as mulheres têm cada vez mais parte ativa em toda a vida da sociedade, é de grande importância uma participação mais ampla delas também nos vários campos do apostolado da Igreja” (n. 9). Contudo, essa problemática permaneceu às margens das prioridades dessa instituição eclesial. Tendo em vista que não confere às mulheres o poder de decisão, próprio para os membros da hierarquia. Em decorrência dessa postura, deixa, por exemplo, o Diaconato aos homens *L.G.* (n. 29)⁴.

Na *Gaudium et spes* (G.S.)⁵, o Concílio apresenta a posição a favor das mulheres ao combater sua discriminação na vida social e cultural. Enfatiza que a educação acompanhe os novos tempos e proporcione homens e mulheres “cultos e com personalidade forte” (n. 294). Defende tanto os homens como as mulheres enquanto autores da cultura (n. 206). Além disso, proteger interesses específicos das mulheres:

Na verdade nem todos os homens se equiparam na capacidade física, que é variada, e nas forças intelectuais e morais, que são diversas. Contudo qualquer forma de discriminação nos direitos fundamentais da pessoa, seja ela social ou cultural, ou funde-se no sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião deve ser superada e eliminada, porque contrária ao plano de Deus. É de lamentar realmente que aqueles direitos fundamentais da pessoa não sejam ainda garantidos por toda a parte. É o caso quando se nega à mulher a faculdade de escolher livremente o seu esposo, de abraçar seu estatuto de vida ou o acesso à mesma cultura e educação que se admitem para o homem (G.S., n. 289).

Na conclusão do Concílio Vaticano II (8 de dezembro de 1965), Papa Paulo VI se dirige às mulheres. Dentre outras afirmações, explicita que a Igreja se orgulha de “ter dignificado e libertado a mulher; de ter feito brilhar durante os séculos, na diversidade de caracteres, a sua igualdade fundamental com o homem”. Afirma que chegou o momento “em que a vocação da mulher se realiza em plenitude, a hora em que a mulher adquire na cidade uma influência, um alcance, um poder jamais conseguido até aqui”. As mulheres podem ajudar a humanidade a não decair diante das transformações de modo que pelas suas qualidades, pode velar sobre o futuro da espécie

de compreensão, referente à construção semântica da palavra e sua implicação teológica, atendo-se à concepção de *giorno* como *lumen*, o que conduz a pensar na *Lumen Christi* que será concebida como *Lumen Gentium* na constituição dogmática sobre a Igreja. Nesse sentido, “aggiornamento” é visto também como o modo pelo qual a Igreja é chamada a irradiar a luz de Cristo sobre os povos da terra.

² Comparando os aproximadamente 2.500 homens participantes, e as 7 mulheres sem direito de voto (MARCÍLIO, 1984, p. 31).

³ Sobre o Apostolado dos Leigos, promulgado no dia 18 de novembro de 1965.

⁴ Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, promulgada em 21 de novembro de 1964. Sobre a mulher, na Igreja, Suess ressalta que até hoje, “é voluntária e não profissional”, nas instâncias administrativas e decisivas (SUESS, 2015, p. 128).

⁵ Constituição Dogmática promulgada no dia 7 de dezembro de 1965.

humana. Para Paulo VI (1965), dá indícios de uma consideração promissora em relação à mulher (em sua coletividade), ao afirmar que ela sabe tornar a verdade doce, terna, acessível. Ele até sugere que ela colaborar com esse Concílio empenhando-se em fazer penetrar o espírito conciliar nas instituições, nas escolas, nos lares, na vida de cada dia, chegando a missão de salvar a paz do mundo.

Agenor Brighenti (2019, p. 28), ao analisar os avanços e retrocessos em relação à proposta do Concílio Vaticano II, particularmente ao fazer referência à identidade dos leigos/as no seio da Igreja onde todos são sujeitos pelo batismo, lembra que na Igreja, caminhamos mais ou menos como o Vaticano II propôs, até por volta do Sínodo de 1985⁶, (ocasião da celebração dos 25 anos do Concílio). Não obstante isso, a Igreja retrocedeu, vivendo uma “involução eclesial”, apresentando um “inverno eclesial”. Percebe-se depois de 1985, o distanciamento da renovação proporcionada pelo Vaticano II.

2. A prática do reconhecimento em Paul Ricoeur e o agir de Francisco

O reconhecimento é um conceito muito caro a Paul Ricoeur. Na obra de 2004, ele faz um levantamento acerca do conceito “reconhecimento”, com o propósito de construir um percurso de passagem do reconhecimento como noção epistemológica (enquanto identificação), passando pelo reconhecimento enquanto capacidade antropológica de reconhecimento de si, para chegar ao reconhecimento como noção política, o reconhecimento do outro. Esse processo constitui, na verdade, os três níveis do reconhecimento. Aqui usaremos o terceiro sentido, o reconhecimento mútuo, onde há indícios de um reconhecimento ceremonial pelo dom, marcado pelo relacionamento intersubjetivo. Reconhecimento, portanto, como abertura ao outro, ao diferente, sinônimo de reconhecimento mútuo.

Ricoeur distingue uma clara assimetria entre o reconhecimento jurídico e o reconhecimento social. Ao considerar as relações sociais, indaga diante da ideia hegeliana de luta pelo reconhecimento sobre a possibilidade de um reconhecimento não-violento face ao reconhecimento conflituoso,. Ricoeur propõe o reconhecimento pela ideia de “dom”, e não sob a ideia de luta⁷.

Corá e Nascimento (2011) lembram que Ricoeur retoma a obra de Marcel Mauss. Para Ricoeur não é tão relevante que quem recebe o dom esteja obrigado a restituí-lo. O que importa é que na atitude de dar, aquele que dá reconhece quem o recebe. Mesmo que o donatário venha a dar em troca, venha a restituir o dom ao doador, esse ato será como o primeiro ato de doação e não como o segundo ato, não se trata de restituição do dom. Ocorre o deslocamento da ideia do “dom” como força mágica para o “dom” como a representação do reconhecimento tácito (RICOEUR, 2004, p. 23-4).

Dessa hipótese Ricoeur deduz que o ato mútuo de reconhecer o outro por meio da gestualidade do dom gera um reconhecimento simbólico através da coisa dada, sem a existência de conflito e sem violência. Com isso, o reconhecimento mútuo é simbólico, pois o “dom” simboliza o doador e o destinatário dele (CORÁ; NASCIMENTO, 2011, p. 420-1).

⁶ Enfatiza a emergente necessidade de uma “profunda teologia da mulher”. Aos membros do Pontifício Conselho para os Leigos, nos 25 anos da *Mulieris Dignitatem* de João Paulo II, sublinha que, na Igreja “é importante perguntar-se que presença tem a mulher” (GISOTTI, 2018).

⁷ Em “*Essai sur Le Don. Forme ET raison de l'échange dans les sociétés archai-ques*”, Mauss descreve a existência de sistemas de troca entre os nativos tribais, como o Maori, que uns aos outros dão presentes, os quais devem posteriormente ser trocados ou devolvidos. Para Mauss, o grande enigma não era porque se dá algo a outrem, mas porque era preciso retribuir o dom recebido. (apud CORÁ, É. J; NASCIMENTO, 2011, p. 420-21).

O reconhecimento, aqui entendido, pela ótica ricoeuriana nos permite perceber o outro como meio de complementação⁸.

3. O papel da mulher em Francisco: uma prática de reconhecimento.

Papa Francisco resgata o Concílio Vaticano II e visa apresentar uma visão conciliar acerca da mulher atualizada para os seus dias. Contudo, percebe-se entraves decorrentes de uma visão estereotipada da função da mulher por parte de membros da hierarquia e também, do aparente cuidado da Igreja em omitir-se diante de questionamentos como a questão de gênero e temáticas como a ordenação feminina. Diante disso, Francisco se depara com a dificuldade em equilibrar tradição e modernidade. O Papa Bergoglio traz influências recebidas da tradição eclesial latino-americana, particularmente da Conferência de Aparecida (2007), quando esteve à frente da comissão eleita para a redação do documento final. Ele expõe a necessidade de resgatar o papel da mulher, libertando-se dos preconceitos e condicionamentos histórico-culturais, no entanto, percebe-se aquém da tradição a que faz parte, não podendo ir além, ou seja, segue suas intuições, mas não as executa plenamente considerando o cenário vigente. Caso contrário proporcionaria mudanças revolucionárias, que a seu ver, ainda não estão no momento de acontecer. O Documento de Aparecida, no que diz respeito ao papel da mulher, já apresentara essas ideias que por ora, Francisco reproduz em seu pontificado, todavia, a sua efetivação demanda mais tempo e abertura de novos horizontes. A quinta Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe explicita a inquietação diante do fato de muitas mulheres não serem valorizadas em sua dignidade, sendo de certo modo, abandonadas:

Lamentamos que inumeráveis mulheres de toda condição não sejam valorizadas em sua dignidade, estejam com frequência sozinhas e abandonadas, não se reconheçam nelas suficientemente o abnegado sacrifício, inclusive a heroica generosidade no cuidado e educação dos filhos e na transmissão da fé na família. Muito menos se valoriza nem se promove adequadamente sua indispensável e peculiar participação na construção de uma vida social mais humana e na edificação da Igreja. Ao mesmo tempo, sua urgente dignificação e participação são distorcidas por correntes ideológicas marcadas com o selo cultural das sociedades de consumo e do espetáculo, que são capazes de submeter as mulheres a novas formas de escravidão. Na América Latina e no Caribe é necessário superar a mentalidade machista que ignora a novidade do cristianismo, onde se reconhece e se proclama a igual dignidade e responsabilidade da mulher em relação ao homem (Dap, 2007, n. 453).

Francisco se apropria de Aparecida e retoma a teologia do laicato proveniente do Vaticano II, e mostra favorável à superação do clericalismo e patriarcalismo, em vista de uma Igreja onde as mulheres tem a necessidade de ouvir uma palavra de reconhecimento de sua identidade, presença e serviço à causa da evangelização (BRIGHENTI, 2019). Entretanto, apesar de seus anseios, o Sumo Pontífice se sente acuado para tomar as decisões necessárias e executar suas intuições.

Um aspecto, portanto, que deve ser considerado em relação ao papel da mulher é o reconhecimento de sua importância, que faz a diferença no projeto de Deus e na sociedade. Esse reconhecimento, todavia, não em sua totalidade, mas quase sempre se restringe à dimensão espiritual, como uma luz motivadora da ação, embora que na prática as realidades permanecem quase que as mesmas. De modo que a mulher deve almejar o seu espaço

⁸ Uma observação: a relação entre Paul Ricoeur e Papa Francisco já é objeto de nossa pesquisa no doutorado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Aqui apresentamos, por outro viés, essa relação. Francisco também é um ricoeuriano, no que diz respeito à noção de reconhecimento.

apesar de dentro do próprio ambiente eclesial ela não poder extrapolar os limites vigentes que são tradicionais e nem sempre estão em consonância com as demandas atuais. Eis o motivo das controvérsias enfrentadas por Francisco. Ao fazer referência, à ideologia de gênero, Francisco admite que ela tende anular as diferenças. Ressalta que “o reconhecimento das diferenças nos tira do isolamento de um eu autorreferencial e nos faz olhar para nós mesmos como uma identidade em relação”, pois “eu existo e vivo em relação a quem me gerou, à realidade que me transcende, aos outros e ao mundo que me circunda, em relação ao qual sou chamado a abraçar com alegria e responsabilidade uma missão específica e pessoal” (FRANCISCO, 2024). Isso trata de uma verdade antropológica fundamental que responde ao desejo de realização humana e de felicidade que habita o coração humano.

Com Francisco começa uma nova era histórica em relação a valorização da mulher. Ainda encontra-se nos momentos de gestação essa nova maneira de contemplar a imagem feminina. A sociedade por sua vez, já anseia por perceber essas diferenças serem executadas, mas ainda estamos apenas no começo. A sua execução depende do prolongamento do pontificado de Francisco ou de seus sucessores continuarem com a mesma perspectiva. No que diz respeito às atitudes práticas de Francisco em relação a valorização da mulher, vale ressaltar que desde sua nomeação, há um aumento significativo de 846 para 1.165 nos primeiros 10 anos de seu pontificado. Francisco nomeou também para a Cidade do Vaticano duas mulheres para funções superiores. São elas: Barba Jatta, nomeada no ano de 2016 para a função de diretora dos Museus do Vaticano, e a Irmã Raffaela Petrini, nomeada em 2022 como secretaria geral. Enquanto os museus do Vaticano que sempre foram dirigidos por leigos, evidencia que a religiosa italiana assumiu o papel geralmente atribuído a um bispo (SAILER, 2023).

No capítulo II da *Evangelii Gaudium*, sua primeira Exortação Apostólica (2013), onde apresenta seu programa de governo, Francisco (2013, n. 103) também destaca a importância da presença feminina na Igreja e na sociedade: “a Igreja reconhece a indispensável contribuição da mulher na sociedade, com uma sensibilidade, uma intuição e certas capacidades peculiares que habitualmente são mais próprias das mulheres que dos homens”. Ao considerar o papel da mulher justifica que “é necessário em todas as expressões da vida social; por isso deve ser garantida a presença das mulheres também no âmbito do trabalho e nos vários lugares onde se toma decisões importantes, tanto na Igreja como nas estruturas sociais”.

Francisco realça ainda a presença das mulheres nos serviços pastorais: “vejo, com prazer, como muitas mulheres partilham responsabilidades pastorais juntamente com os sacerdotes, contribuem para o acompanhamento de pessoas, famílias ou grupos e prestam novas contribuições para a reflexão teológica” (n. 303). Ele faz apelo à necessidade de reivindicação dos “legítimos direitos das mulheres”, e de sua dignidade compartilhada com os homens (EG, 104).

Maria, mãe de Jesus, modelo de mulher, é apresentada pelo Papa Latino-americano, como mais importante que os Bispos: “Maria, é mais importante do que os Bispos, mesmo quando a função do sacerdócio ministerial é considerada hierárquica” (EG, 104). Aqui, como lembra Bingemer (2014, p. 149), Francisco parte do princípio da valorização de Maria, considerando-a mais que os apóstolos, pois sem ela, o colégio apostólico não existiria. Portanto, aparece a emergente necessidade da valorização da mulher em todos os níveis sociais inclusive dentro da Igreja.

A mulher também é vista como os pobres que vivem situações de exclusão, são vítimas de maus-tratos e violência, não tendo a menor possibilidade de defender seus direitos (EG, 212). Ela é considerada “zeladora da casa e cuidadora dos filhos, inspirada pelo imaginário de Maria de Nazaré” (EG, 287).

Na Encíclica *Fratelli Tutti* (2020), ao falar dos direitos humanos não suficientemente universais, o Papa pontua: “de modo análogo, a organização das sociedades em todo o mundo ainda está longe de refletir com clareza que as mulheres têm exatamente a mesma dignidade e idênticos direitos que os homens” (FT, n. 23). Ele sublinha que em nossos tempos, “as palavras dizem uma coisa, mas as decisões e a realidade gritam outra” (*ibid.*).

A mulher, portanto, é “o grande dom de Deus” em seu papel, como criada a imagem de Deus, é capaz de “trazer harmonia à criação”. Ela “nos ensina a acariciar, a amar com ternura e que faz do mundo uma coisa bela”. Enxergar apenas o lado funcional da mulher é depreciá-la, explorá-la e “explorar uma mulher é mais do que um delito e de um crime: significa destruir a harmonia que Deus quis dar ao mundo, é voltar para trás” (FRANCISCO, 2017). Embora essa seja a visão da doutrina católica, a realidade apresenta apelos diante de debates contemporâneos como a questão da igualdade e de gênero, e diante disso, cabe à Igreja apresentar respostas às necessidades atuais, mas sem perder de vista aquilo que lhe é essencial, salvaguardar os valores essenciais e nem cair num relativismo, como tão bem foi ensinado pelo predecessor de Francisco, o Papa Bento XVI.

Francisco ainda, por meio da Carta Apostólica *Spiritus Domini* (2021), ampliou a oportunidade para que as mulheres acessassem os ministérios de leitorato e acolitato. Através da Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium* (2022), sobre a Cúria Romana e o seu serviço à Igreja no mundo, marcou um momento significativo na trajetória da Igreja Católica ao abrir as portas para maior participação de leigos, incluindo mulheres, cargos de direção nos Dicastérios. Isso reflete o compromisso de Francisco em promover a igualdade de gênero e reconhecimento do papel fundamental da mulher na Igreja. Percebe-se ainda e apesar de Francisco uma restrição à mulher no que tange ao direito de ordenação de mulheres e outros temas afins. Isso, contudo, demandaria novas reflexões e acesso aos documentos oficiais que justificam essa postura do atual pontífice. Isso, contudo, extrapolaria os limites e a finalidade desse artigo.

Portanto, o papel da mulher para Francisco, vai muito além do fato de acatar ordens e de viver uma submissão cega, mas pelo seu espaço, trata de proporcionar a ternura de Deus através de sua presença. A mulher tem muito a dizer na sociedade atual que ainda continua machista e não deixa espaço à ela, como ele mesmo falou em 18 de janeiro de 2015, durante um encontro com jovens na Universidade de São Tomás, em Manila, nas Filipinas (2015). Isso traz à tona uma reflexão profunda sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea. Para Francisco, a mulher deve ser valorizada em sua singularidade.

Numa entrevista, o Papa também afirma que a igreja é feminina: “é 'A' igreja, não é 'O' igreja. É mulher, é a esposa de Cristo”. Nessa entrevista, ao sublinhar a igualdade de importância da mulher, ele até reforça a relevância dela na eleição dos Bispos. Ao falar de uma experiência pessoal comenta que os relatórios mais maduros que recebia para conferir a ordenação como sacerdotes aos seminaristas eram elaborados por **mulheres** dos bairros onde eles trabalhavam na paróquia. Além disso, a mulher está encarregada de conduzir a maternidade da Igreja, por isso, ele sugere que eleger Bispos é bom que haja mulheres que pensem como devem ser os Bispos (FRANCISCO, 2022).

Com essa postura, Francisco destaca que valorizar o papel da mulher não é uma moda feminista, mas um ato de justiça que culturalmente tinha sido colocado de lado. Num outro contexto, argumenta:

Um mundo melhor, mais justo, inclusivo e totalmente sustentável não pode ser alcançado sem a contribuição das mulheres. Eis então que devemos trabalhar, todos juntos, para abrir oportunidades iguais para homens e mulheres, em todos os contextos, para buscar uma situação estável e duradoura de igualdade na diversidade porque o caminho para a afirmação feminina é recente, conturbado e, infelizmente, não definitivo. O pensamento das mulheres é diferente daquele dos homens, estão mais atentas à proteção do meio ambiente, seu olhar não está voltado para o passado, mas para o futuro. As mulheres sabem que dão à luz na dor para alcançar uma grande alegria: doar a vida e abrir novos e vastos horizontes. As mulheres sabem expressar força e ternura juntas, são capazes, competentes, preparadas, sabem inspirar as novas gerações. É justo que elas possam expressar essas suas habilidades em todos os âmbitos, não apenas naquele familiar, e serem remuneradas de forma igual aos homens pelo mesmo cargo, empenho e responsabilidade (FRANCISCO, 2023).

Ao levar em conta que a igualdade deve ser alcançada na diversidade, o líder dos católicos valoriza a igualdade entre homens e mulheres não porque elas assumem os comportamentos masculinos, mas “porque as portas do campo de jogo estão abertas a todos os jogadores, sem diferenças de sexo (e também de cor, religião, cultura...)”. A capacidade de cuidar, por exemplo, é sem dúvida uma característica feminina que deve ter a possibilidade de ser expressa não só dentro da família, mas igualmente e com excelentes resultados na política, na economia, na academia e no trabalho (FRANCISCO, 2023).

Francisco insiste para o desenvolvimento de “uma renovada cultura da identidade e da diferença” onde é necessária uma “aliança” entre o homem e a mulher que favorece o responsabilizar-se pela direção de toda a sociedade. O mundo de hoje requer a presença da mulher na esfera pública, no mundo do trabalho e nos lugares onde são tomadas as decisões mais importantes. Ao mesmo tempo, ela deve manter a sua presença e atenção preferencial e muito especial na e para a família (FRANCISCO, 2015). Ele se refere carinhosamente à mulher, a ponto de afirmar que Deus quis criar a mulher e nascer de uma Delas, “para que todos nós tivéssemos uma Mãe” (GISOTTI, 2018).

Em seu discurso, ao concluir o Sínodo da Amazônia, em 26 de outubro de 2019, sublinha que “o papel das mulheres na Igreja vai muito além da funcionalidade”, da transmissão da fé e da preservação da cultura. Na Exortação apostólica resultante desse sínodo, recorda o grande papel das mulheres na região e reitera o convite a alargar o horizonte para evitar reduzir a nossa compreensão da Igreja a meras estruturas funcionais. Ele alude também que a valorização do feminino, seus dons favorece o aumento da participação das mulheres na vida litúrgica, abrindo espaços para com os ministérios, enfatizando a força e o dom da mulher nas comunidades de fé de modo que sem ela, a Igreja se desmorona, como teriam caído aos pedaços muitas comunidades da Amazônia se não estivessem lá as mulheres, sustentando-as, conservando-as e cuidando delas”. Isto mostra o poder característico e o perfil feminino na Igreja (QAm, 2020, n. 99. 100).

Conclusão

Percebemos com esse artigo, que Francisco promove um reconhecimento do papel da mulher o que por sua vez, apresenta uma constatação explícita de que as ações de Francisco são limitadas em relação às estruturas eclesiásticas tradicionais e a resistência interna na Igreja. Muito embora ainda em fase inicial, vemos que Francisco quer apresentar uma nova configuração em relação ao papel da mulher, isso demanda o desenvolvimento dos anseios apresentados por ele. Tanto se pensa no papel da mulher na Igreja, tendo acesso a todos os departamentos assim como apregoa a sociedade atual, contudo, o atual Papa, já considerando os limites de sua estrutura institucional, tenta promover a mulher também em nível social, não detendo-se apenas nos limites da estrutura religiosa. Nesse sentido, vemos uma abordagem espiritual do papel da mulher de modo que podemos comprehendê-la como o meio de encontro que toda pessoa pode ter para se encontrar com a ternura de Deus.

Papa Francisco, portanto, valoriza o papel da mulher reconhecendo sua singularidade e relevância na religião e na sociedade e não estritamente fazendo referência às funções institucionais, dentro da Igreja Católica. Não obstante, permanece com as “tradicionais” estruturas católicas marcadas ainda por certo “desfavorecimento” da mulher⁹. Alterar essa estrutura até pode ser possível, contudo não é a intenção do atual Pontífice (e refletir os porquês disso, também não é a finalidade desse artigo). Bem sabemos, todavia, que de maneira inovadora com

⁹ Há quem diga, como Mary Hunt (2018), que por estarmos falando da Igreja institucional, não há papel oficial das mulheres embora elas estejam no trabalho pastoral e ministerial em muitas partes do mundo. Isso acontece devido à não-ordenação, pois se as mulheres não são ordenadas, não há a possibilidade para tomarem decisões. Então, enquanto papel oficial, não existe lugar para as mulheres entre as lideranças da Igreja.

posturas, palavras e decisões, Francisco realça que é urgente promover a participação ativa e a pertença da mulher ao corpo eclesial o que desencadeia uma possível mudança eclesial, nem que seja a longo prazo. Isso, entretanto, dependerá da postura de seus sucessores, na função de líder máximo da Igreja Católica. Em Francisco vemos que na valorização do papel da mulher, a Igreja reconhece o gênero feminino como sinal de inclusão, solidariedade e sustentabilidade integral, um meio que favorece a harmonia social e a presença das realidades divinas entre os demais seres humanos e na sociedade.

É necessário através do respeito e da acolhida buscar a igualdade na diversidade, onde as diferenças são compreendidas como meio de complementariedade e não como indícios de rivalidade, de guerras. De modo que a mulher tem um papel insubstituível no plano de Deus e na sociedade, com sua existência e presença mais ativa, onde ela pode fazer toda a diferença.

Reforçamos aqui que a intenção de Francisco, seguindo o Concílio Vaticano II, não é mudar a doutrina e a estrutura acerca da mulher, mas focando no âmbito pastoral, apresentar a relevância feminina para o mundo, a partir do projeto de Deus. Francisco “abre portas” da Igreja Católica, para (no futuro) a realidade e a postura da Igreja serem diferentes. Ele está proporcionando aos católicos e ao mundo, uma nova perspectiva, lançando sementes para uma colheita promissora em relação à mulher. Isso pode inspirar novas abordagens para a inclusão feminina na Igreja e na sociedade. Cabe a futuras pesquisas, realçando a relevância do reconhecimento, apresentar diferentes perspectivas, sugerir novas posturas e ações concretas e investigar os impactos das mudanças promovidas por Francisco e as heranças de seu posicionamento em relação ao papel da mulher.

Referências

BINGEMER, Maria Clara. Francisco e as mulheres. Da “Abuela Rosa” a uma nova reflexão sobre a mulher. In: SILVA, José M (org.). *Papa Francisco: Perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 145-158.

BRIGHENTI, Agenor. *O laicato na Igreja e no mundo. Um gigante adormecido e domesticado*. São Paulo: Paulinas, 2019.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 13-31 de maio de 2007. São Paulo: CNBB/Paulinas/Paulus, 2007.

CORÁ, Élvio José; NASCIMENTO, Cláudio Reichert do. Reconhecimento em Paul Ricoeur: da identificação ao reconhecimento mútuo. *Revista de Ciências Humanas*, p. 420-21. Florianópolis, Volume 45, Número 2, p. 407-423, Outubro de 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacf/article/view/2178-4582.2011v45n2p407/22359>. Acesso em: 09 de out. 2024.

FRANCISCO, PAPA. *O perigo mais feio é a ideologia de gênero, que anula as diferenças*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-03/papa-francisco-ideologia-genero-homem-mulher-antropologia-perigo.html>. Acesso em: 09 de out. 2024.

_____. *A mulher é a harmonia do mundo*. Quinta-feira, 9 de fevereiro de 2017. Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na Capela da Casa Santa Marta. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20170209_mulher-harmonia-mundo.html. Acesso em: 09 de out. 2024.

_____. *Papa Francisco, a entrevista na íntegra: a "monstruosidade" na Igreja, os sacerdotes "doentes ou criminosos", a justiça para as mulheres - e um pedido aos portugueses*. Entrevista de **Maria João Avillez**, publicada por **CNN Portugal**, 05-09-2022. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/621952-papa-francisco-a-entrevista-na->

[integra-a-monstruosidade-na-igreja-os-sacerdotes-dentes-ou-criminosos-a-justica-para-as-mulheres-e-um-pedido-aos-portugueses. Acesso em: 09 de out. 2024.](#)

_____. *Encontro com jovens na Universidade de São Tomás, em Manila, nas Filipinas.* 18 de janeiro de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/january/documents/papa-francesco_20150118_srilanka-filippine-incontro-giovani.html. Acesso em: 09 de out. 2024.

_____. *Papa Francisco: minha Igreja ao lado das mulheres; com elas no comando de um mundo de paz.* Artigo publicado por *La Stampa*, 08-03-2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/626808-papa-francisco-minha-igreja-ao-lado-das-mulheres-com-elas-no-comando-de-um-mundo-de-paz>. Acesso em: 09 de out. 2024.

_____. *Carta Apostólica Spiritus Domini.* Sobre a modificação do Cân. 230 § 1 do Código de Direito Canônico acerca do acesso das pessoas do sexo feminino ao Ministério instituído do Leitorato e do Acolitato. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210110_spiritus-domini.html. Acesso em: 09 de out. 2024.

_____. *Constituição Apostólica Prædicare Evangelium* sobre a Cúria Romana e o seu serviço à Igreja no mundo. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/20220319-costituzione-ap-praedicare-evangelium.html. Acesso em: 09 de out. 2024.

_____. *Discurso do Papa Francisco aos participantes na Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura.* Sábado, 7 de fevereiro de 2015. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/february/documents/papa-francesco_20150207_pontificio-consiglio-cultura.html. Acesso em: 09 de out. 2024.

_____. *Discurso do Papa Francisco aos participantes na Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura.* Sábado, 7 de fevereiro de 2015. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/february/documents/papa-francesco_20150207_pontificio-consiglio-cultura.html. Acesso em: 09 de out. 2024.

_____. Exortação Apostólica Pós-Sinodal. *Querida Amazônia.* Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. Roma, 2 de fevereiro de 2020. São Paulo: Paulinas, 2020.

_____. Exortação Apostólica. *Evangelii Gaudium.* A alegria do Evangelho. Roma, 24 de novembro de 2013. São Paulo: Paulinas, 2020.

GIBELLINI, Rosino. A outra voz da teologia. In: CHENU, Marie-Thérèse Van Lunen; GIBELLINI, Rosino. *Mulher e Teologia.* São Paulo: Loyola, 1992.

GISOTTI, Alessandro. *Francisco e o papel das mulheres na Igreja.* Vatican News, 07 de março de 2018. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-03/francisco-e-o-papel-das-mulheres-na-igreja.html>. Acesso em: 13 de abril 2025.

GONÇALVES, P. S. L.; FAVRETTO, A. B. Tensões em torno da liberdade religiosa: análise histórico-teológica da declaração *Dignitatis Humanae*. *Reflexão*, v. 48, e238720, 2023. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v48a2023a8720>

HUNT, Mary. *O lugar das mulheres no pontificado de Francisco.*

Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/579720-o-lugar-das-mulheres-no-pontificado-de-francisco-entrevista-especial-com-mary-hunt>. Acesso em: 09 de out. 2024.

JOÃO PAULO II, PAPA. Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem. A Dignidade e a Vocação da Mulher.* 6. ed. Roma, 15 de agosto de 1988. São Paulo: Paulinas, 2005.

KLOPPENBURG, B. *Concílio Vaticano II.* Petrópolis: Vozes, 1963.

MARCÍLIO, Mª. Luiza (org.). *A mulher pobre na história da Igreja Latino-Americana* - CEHILA. São Paulo: Paulinas, 1984.

PAULO VI. *Discurso de Conclusão do Concílio Vaticano II.* 8 de dezembro de 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-donne.html. Acesso em: 09 de out. 2024.

RICOEUR, P. *Percurso do reconhecimento.* São Paulo: Loyola, 2006.

SAILER, G. Com Francisco, mais mulheres estão trabalhando no Vaticano. Roma, 08 de Março de 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-03/10-anos-papa-francisco-mais-mulheres-trabalhando-no-vaticano.html>. Acesso em: 09 de out. 2024.

SUESS, Paulo. *Dicionário da Evangelii Gaudium: 50 palavras para uma leitura pastoral.* São Paulo: Paulus, 2015.

VATICANO II. *Mensagens, discursos e documentos.* 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.